

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Seção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

O ratinho dos olhos vivos

(História para as mães contarem aos meninos).

Dá-nos a honra de colaborar neste número o distinto jornalista, insigne escritor e Mestre da Crítica Portuguesa — António Sérgio.

Os nossos mais sinceros agradecimentos por tão valiosa colaboração e as nossas maiores desculpas de, só hoje, inserirmos nas nossas colunas tão precioso conto.

Uma grande ratazana, mãe de três ratinhos, vivia com os seus pequenos em casa de um lavrador. Um dia, apeteceu ao mais velho dos três ratinhos ir fazer uma viagem pelo mundo fora, e pediu licença à mãe ratazana, que lhe disse que sim, que o deixava ir. Encheu-lhe ela um saco com pedaços de toucinho e de marmelada, de queijo da Serra e de pão de ló (que tirou da despensa do lavrador) para que ele comesse durante a viagem; e assim, com o saquinho cheio, deixou-o partir pelos campos fora.

O ratinho, pois, com o seu saquinho de coisas boas, tratou de se dirigir para uma mata próxima. Como nunca andara por fora de casa, entretinha-se muito com o que ia vendo. As árvores, os pássaros, os gafanhotos, as flores, as águas, os caracóis, tudo lhe causava prazer e espanto. «Ora a minha mãe» (dizia ele consigo) «porque se não decide a viver aqui, onde é tudo muito mais bonito, muito mais divertido que lá em casa?»

Assim pensando o bom do ratinho, quando de repente, ao voltar uma árvore, — ai que susto! Deus não acuda! — avistou uma raposa e um cão de fila, que passavam juntos. Escondeu-se a tremer por detrás de uma pedra; e a raposa, que viu o ratinho, quis logo tirar-lhe a comida toda. Mas o cão de fila (que gostava de divertir-se a ouvir histórias) disse à raposa:

«Lá isso é que não, raposa amiga. Não consinto! Faremos assim: Cada um de vossês vai contar-me uma história, inventada da sua cabeça. Quem conta primeiro ha de ser o rato; depois contas tu. Mas quero uma história de muita invenção, muito extraordinária. Perceberam bem? Havemos de ver, de ti e do rato, qual é o que tem imaginação mais forte para inventar cousas de fazer espanto. Se eu, amiga raposa, gostar mais da história que tu inventares, tirarás ao rato o que ele tem no saco; se gostar mais da história do rato, has de tu dar-lhe tudo aquilo que tens».

A raposa aceitou. «Vamos; começa lá», disse o cão ao rato...

O rato não foi capaz, coitadinho d'ele, de inventar uma história. Olhou para cima, olhou para baixo, coçou a cabeça, franziu a testa, e nada; não inventou absolutamente nada. Ia a desistir. Tornou a tentar, — e nada.

A raposa, então, contou o que lhe apeteceu. E como o rato não dissera nada, não teve ela que inventar muita cousa.

O cão, visto isso, deixou que a raposa roubasse o rato, e que lhe comesse todo o seu farnel, — o toucinho e a marmelada, o queijo da Serra e o pão de ló.

O nosso rato voltou para casa, cheio de tristeza na sua alminha. Quando chegou, todavia, fez cara alegre, e não contou à mãe e aos irmãos ratinhos aquilo que passara com a senhora raposa, com medo de que os irmãos lhe fizessem troça. Só falou de uma mata que era muito linda, e da graça que havia achado, pelos caminhos, em encontrar os gafanhotos e os caracóis.

Os irmãos ouviram-no, muito curiosos, sobretudo o mais novo de todos três, que tinham uns olhinhos muito espiantados, muito brilhantes, que pareciam rir...

O segundo rato, então, agarrou-se à cauda da ratazana, e pediu-lhe que o deixasse viajar também. A mãe ratazana arranhou-lhe um farnel, enchendo-lhe um saco com azeitonas de Elvas, com ovos moles de Aveiro, com queijadas de Sintra, — e deixou-o partir.

O rato saiu, voltou à esquerda (como lhe tinha ensinado o irmão mais velho) e foi ter à mata. Encontrou gafanhotos, caracóis, coelhos bravos, lagartixas, e achou muita graça aos senhores cogumelos. Mas, de repente — ui que susto! — deu com a raposa e o cão de fila...

«Olé», disse o cão, «estamos com sorte. Vou pois ouvir uma nova história. Ratinho amigo: vais tu contar-me uma história bonita, toda ela inventada da tua cabeça, e o mais extraordinária que tu puderes. Percebeste? Depois, conta a raposa. Se eu gostar mais da história dela, poderá tirar-te o teu farnelzinho; se gostar mais da tua história, obrigo-a a dar-te tudo aquilo que tens».

O rato, coitadinho, não foi capaz de inventar uma história. A raposa contou o que lhe apeteceu, e roubou-lhe o farnel. O nosso rato voltou para casa, e falou dos coelhos, das lagartixas, dos cogumelos, dos caracóis; nada disse, porém, da raposa e do cão de fila, com medo de que os irmãos lhe fizessem troça. E o rato mais novo (o dos olhos vivos, que pareciam rir) quis também viajar por sua vez.

Como os outros, dependurou nas costas um bom farnel, — e ele aí vai. Como os outros, gostou de tudo quanto lá viu, e encontrou a raposa e o cão de fila.

«Quê?», disse logo o cão. «Que vejo eu? Será verdade? Outro ratinho? Com outro farnel? Parece que da terra saem hoje os ratos, como saem as ervas do chão molhado! Pois ratinho miúdo: venha de lá uma história que seja bonita, toda ela inventada da tua cabeça, e o mais extraordinária que tu puderes. A amiga raposa que aqui te apresento, já sabe qual é a combinação. Depois conta ela. Se eu gostar mais da história dela, pode tirar-te o teu farnelzinho; se gostar mais da tua história, obrigo-a a dar-te tudo aquilo que tens. Vamos, inventa lá uma boa história».

«Isso agora», disse o ratinho... E' que eu não tenho imaginação nenhuma. Não sei que isto é, mas não sou capaz de inventar uma história. Deixem-me vossês, primeiramente, contar uma história que é verdadeira, que me sucedeu a mim, o que não têm nada de extraordinário. Depois, se puder (mas não creio que possa) tentarei contar uma história inventada... Ora, quando meu pai era criança, e vivia comigo na mesma casa, eu tinha um galo. O galo, um belo dia, deu na cabeça uma grande pancada, e fez nela um galo, — um inchaço, perceberam vossês? Para o curar, pus terra no galo da cabeça do galo. Sobre essa terra, na manhã seguinte, nasceu um pinguim com muitos péssegos. Abri o carço de um desses péssegos, com a minha faca; mas, záz, para dentro do carço caiu a faca. Para apanhar a faca, desci ao fundo do carço do péssago. Encontrei lá dentro uma junta de bois. Peguei nesses bois, e trouxe-os para cima. Pu-los ao arado, e lavrei o fumo da chaminé. Nesse fumo nasceu uma fava. Colhi a fava, e pu-la numa panela em cima do lume. E logo a fava desatou a inchar, a inchar, a inchar... até que estourou. Ao estourar a fava, saiu um pato, que voou pelos ares. Fui atrás d'ele, até que pousou numa espiga de trigo, onde estavam pousados mais catorze patos. Matei com um sópro os catorze patos. Fugiram catorze, e ficaram na espiga outros catorze patos. Quis carregar em cima de um burro os catorze patos que estavam mortos, mas o pobre do burro não podia com eles. Pus então os catorze patos em cima das costas de uma formiguinha, que os levou para casa. Asséi os patos, — que saíram perdizes, — e eu e meu pai comemos catorze, e ficaram ainda catorze patos. No bucho do último pato fomos encontrar um grande gigante, que nos disse que se chamava Adamastor... Ora aí está. E agora, que vos contei uma história que toda ela é verdadeira, que me sucedeu a mim, e que não tem nada de extraordinário, tentarei arranjar-lhes uma história inventada, se vossês quiserem...

Aqui, o nosso ratinho parou de falar, e pôs-se sério, muitíssimo sério. Só os olhinhos pareciam rir. A raposa ficara azoimada, de orelha caída e de boca aberta, sem dizer palavra... O cão de fila desatou a rir.

«Então, que me dizes a isto?» perguntou ele à raposa. «Vejo — pela cara que fazes — que poderemos dispensar a história inventada, pois não te parece? Vamo-nos direitos para a tua toca, a dar ao ratinho tudo aquilo que tens».

A raposa respondeu que sim; mas no caminho, de repente, achou maneira de fugir dos dois. O ratinho não se importou. Não queria para si o que pertencia aos outros, e com pouca coisa se considerava feliz. Contente se sentia ele de não ter perdido o que a mãe lhe dera, e de continuar o passeio ao lado do cão, — que ficou amigo do ratinho esperto, o acompanhou na viagem, e o protegeu.

Inspirado libérrimamente num conto popular estrangeiro e escrito por

ANTÓNIO SÉRGIO.

NATAL de 1934.

AS JANEIRAS

(Versão do Minho)

As Janeiras não se cantam
Nem aos reis nem aos fidalgos;
Cantam-se a estes senhores
Por ser anos melhorados.

Melhorados na saúde,
Descontados nos pecados;
Vós que estais na vossa cama
Entre dois lençóis lavados,
Mandai-nos dá-las Janeiras
Em louvor de San Gonçalo.

Èle vos há-de pedir,
Que as deis com devoção,
Que ele vos tem prometido
De vos dar a salvação.

Quer lhas deis, quer lhas não deis,
Sempre com os anjos fiquéis.
Quem diremos nós que viva
No copinho de água-ardeite?
Viva o patrão desta casa,
E mais toda a sua gente.

Quem diremos nós que viva
Na casquinha da cebôla?
Viva o patrão desta casa
E mais a sua senhora.

T. BRAÇA

«Cancioneiro Popular Português»

ESPUMANTE NATURAL

«RAPOSEIRA»

Vinhos perfeitos, deliciosos e
de reputação consagrada.

Espinhos e acúleos

I

Um dia pediste a alguém
Um conselho. Foi errado.
'Scuta. «Quem dá o que tem
A mais não é obrigado».

II

Dito foi p'lo Sam Tomé
Que a injúria deves temer;
P'ra não renegares a fé
Melhor será: «ver p'ra crer».

III

Sempre a tudo faz negaça,
'Tnda a maldade celebra;
Quem te veja na desgraça
Note: «prato ruim não quebra».

IV

Por dá cá aquela palha
Tens perlices de criança...
Nunca fui da tua igualha:
«Mais amor, menos confiança».

V

Quem na vida se encontrar
Com mulher de bom par'cer,
Pense: «quem se expõe a amar
Sujeita-se a padecer».

VI

Chamaram-te desgraçada
E tu apenas sorriste;
Que val'honra maculada
Se tua própria a feriste?

VII

Trazes a alma em tormento
De amor. Vives em canseira.
— Recolhe-te a um convento,
Alma penada de freira!

L. COELHO.

N. A. — No último número, na 6.ª quadra, saiu um verso que devia ler-se: «Será do hábito em que andas» — o que ressalva a grahia.

ESPUMANTE NATURAL

«RAPOSEIRA»

Não pertendem ser, mas são,
de facto, os melhores.

OS NOSSOS AMIGOS

Pediu a assinatura do nosso jornal o nosso conterrâneo, residente em Lisboa, sr. Jacinto da Silva Guimarães.

— Vieram à nossa redacção pagar a sua assinatura a ex.ª sr.ª D. Maria Angelina de Araujo Abreu Brandão e os nossos amigos srs. Francisco de Matos Chaves, Virgílio Campos Machado, José Dias Pereira, António José de Sousa, Dr. António Pereira Leite de Magalhães e Couto, de Felgueiras, e Domingos Cunha Guimarães, do Porto.

A todos, os nossos agradecimentos.

Assinar o «Notícias de Guimarães», é dever de todos os vimaraneses.

Poucas palavras, ou antes: palavras poucas.

Um distinto advogado desta Comarca, recebemos a carta abaixo inserta, que por falta de espaço deixamos de publicar no número especial do Natal. Escrita com originalidade e talento, revela-se nos um documentr precioso que consola à face do esforço dispendido em prol de Guimarães, marcando com nitidez o aplauso à obra regionalista em que estamos empenhados.

Prezado director:

Há bons e estirados meses anda v. a intimar-me umas linhas para o seu jornal, com pertinácia que, se não fôra favor, me desvaneceria; eu a prometer-lhas categóricamente; e a minha *Pelikan* conluada com o sumiço quasi inacreditável do tempo entre as mil tarefas da vida a negarem-nas.

E' este um dos casos típicos em que a força maior iliba a falta à palavra dada. Digo eu...

Mas v. — estou a ver-lhe daqui um sorriso que não deixa dúvidas — pensa diversamente: leva a demora à conta de preguiça, quando não à conta de propósito, desinteresse.

Mais intuicionista que racionalista, descrente de que possam argumentos varrer por completo desconfianças, desisto de me reabilitar a seus olhos como modêlo de diligência. Mas tento a reabilitação por outra mais fácil via: a da inutilidade das palavras que me pede.

Alguém disse que Portugal era um paiz de analfabetos e lentes: aqueles não podem lêr; estes, não precisam, porque sabem tudo.

Talvez a razão de já não haver por aí quasi ninguém que escreva. Muito quem glose o que lá fôra e, em menos ditosos tempos, cá dentro, se escreveu: quem escreva, quasi ninguém.

Porque, há-de concordar comigo: escrever é atirar para um papel um punhado de ideias e sentimentos; não, alinhar nêle meia dúzia de palavras bolsadas em livro e gazeta, narizes de cera de tuti-quanty, e rubricá-las ao alto com um título de ocasião que tanto possa ser «Causas e Efeitos da Revolução Chinesa» como «a Conquista das Gálias por Júlio César».

Ora, se uns não podem e outros não precisam de lêr, o que faria v. das minhas inúteis linhas?

E depois, está v. seguro de que eu tenha no meu pecúlio uma ideia ou um sentimento tragáveis por essa multidão de inapetentes e repletos que conquistue o público português? de que eu possa fornecer-lhe, já não digo iguarias, mas, ao menos, o vulgar conduto bem temperado do sal?

Se o não está, repare, o que me prepara é uma feia cilada, pois pretende que eu me instale naquêle nível do mar da mediocridade onde, em Santa bemaventurança, proliferam os polipeiros imensos dos gosadores do alheio.

Faça-me a justiça de me não supôr capaz de, no ensejo da quadra do natal, em estilo sacro, burilar a tradicional odezinha com pastores, vacas de olhos dôces e barbaçudos peregrinos de longes terras; ou, em estilo laico, o estafado hino da Família e da Fraternidade — com dois F. F. grandes, tam grandes como o facto da Liberdade que alumia desde Now York a densa penumbra do Mundo.

Odes daquelas e hinos d'estes — além de que talvez me não chegasse o geito para tanto — não delapidaria meu rico tempo a torneá-los. E não é caso de amofinar-se: Dou homens por mim. Dou por mim a legião de núveis poetas e vèlhos encharcados de saúde que derrama a cornocópia das musas, periódicamente, ao ritmo das solenidades gregorianas, nos caixotins das tipografias.

E só essa produção copiosa, para palavras, basta; para arte, sobeja, assarapantanos.

Não precisa de mais. Do que v. precisa — porque esse não é nunca demasiado em terra tam desamparada como a nossa — é do apoio moral dos que assistem à sua louvável cruzada pelos interesses da grei e do bem comum: êsse apoio, aqui lho deixo expresso com voto de louvor.

E creia que, se porventura em hora difícil precisar, como se diria em tática, de tropas frescas, não serei dos últimos a descer à liça envergando o arnez do bom combate.

Em Portugal há muito que fazer: em Guimarães — onde trez quartos das almas vivem de caldo e de miséria — talvez mais que em nenhum outro rincão de Portugal.

Continue a lutar: os humildes precisam de auxílio, não de lirismo.

Precisam de quem lhes garanta o pão de cada dia, pelo trabalho honrado e disciplinado, não pela esmola das migalhas dos falsos caridosos, esmola que, não chegando para os nutrir por um só dia, sobra contudo para os aviltar pela vida inteira.

E êsse trabalho que pedem aos brados as bocas famintas — justa e humanamente recompensado — não se obtem com as palavras das hossanias mas com as obras, pela disciplina, pela ordem, pela constância, na batalha de todos, por todos. O momento é de luta.

Todo o português deve ser soldado e não, poeta: deve largar a lira e empunhar o montante.

Golpes corajosos e certos.
Palavras, poucas.

F. A.

O MEU SONHO...

«Os sinos, nêsse dia, hão-de tocar...»

E toda a gente, toda, lá na aldeia
Há-de espalhar, por certo, à bôca cheia
Como sou feliz porque me vou casar.

Nós, joelhos no chão, junto ao altar
Por cima a chama alegre da candeia,
Como que a atigar o fôgo que enleia
Os nossos corações, o nosso olhar.

Depois... vamos p'ra casa. E à noitinha

Hás-de jurar que sempre serás minha
Com o mesmo amor e com igual ternura..»

Eu sonhei contigo. Que me abraçavas,
Que juntinho ao meu peito te encontravas
A reviver, nós dois, esta aventura.

F. P.

ESPUMANTE NATURAL

«RAPOSEIRA»

Vinhos resultantes de uma
técnica consagrada e uvas
especiais.

ESPUMANTE NATURAL

«RAPOSEIRA»

Inegaláveis, inimitáveis e
insuperáveis.

ESPUMANTES NATURAIS
«RAPOSEIRA»

Concorrem vantajosamente com as grandes marcas da «Champagne»

COISAS & LOISAS

UM AMIGO

Sejam as minhas primeiras palavras de hoje dedicadas a um amigo leal e sincero, falecido na 5.ª feira p. p. A morte, sempre cruel e tirânica, tudo arrasta consigo, levando o luto, a dor e a saúde a todos os lares.

Desta vez, foi o pobre João Serafim da Silva Ribeiro, que, ainda muito novo, desapareceu do número dos vivos. A sua morte, causada por uma pertinaz doença que desde há bastantes anos o vinha acrobustando foi motivo de um imenso desgosto e de uma profunda saudade para os seus queridos filhinhos e para sua desolada esposa e, bem assim, para os amigos.

Para os seus amigos, sim, porque o João Serafim era dos tais amigos com cuja amizade e dedicação se podia contar.

Ele sabia ser pródigo e ponderado e cultivava, como poncho, o dever sagrado de gratidão, do que tem sobejas provas o autor destas singelas palavras, que com ele conviveu muito de perto. Era, pois, um bom Pai, um bom Esposo e um bom Amigo! Hoje, que o seu corpo, inerte e frio, jaz no Mundo da Eternidade, um conselho quero dar aos seus tão amados filhinhos: — Que sigam o exemplo de seu chorado Pai e que sempre se lembrem dele!

MAIS UM QUE VAI FINDER!

Está próximo o dia em que o ano de 1934 vai entregar a alma ao Criador.

De xará saudades? Alguém as sentirá, menos aqueles que foram vítimas das suas agruras. Se deixa uns beneficiados, deixa outros sacrificados, estes, talvez, em maior número. Inclusive, deixa o pão mais caro aos pobres, numerosa classe de infelizes, que luta, dia a dia, com maior número de privações. Estes, pelo menos, não podem ver desaparecer com saúde o venerando 1934. Oxalá, pois, que o seu *sucessor* não seja tão ingrato e que traga mais alegria e mais conforto.

QUE SILÊNCIO!

Continua o silêncio sób e a continuação das Obras dos novos Paços do Concelho. Não se ouve o bater de um pino ou o cantarolar de um só pedreiro — essa cantiga do *ei, pedrinha ei*, tanto em voga nesta região. Mas, afinal, os vimeirenseus podem contar com mais um edifício magestoso ou não chegarão a ver mais do que qualquer coisa que se pareça com as ruínas do mesmo edifício? Em compensação, o castelo da rua da República, esse velho fantasma que amedrontava toda a gente, está a ser transformado, dizendo-me pessoa competente que o seu *arranjo* não desagradará. Assim deve ser, porque, numa coisa tão velha como aquela, deve sentir-se bem a diferença entre os dois estados...

UMA CONFIRMAÇÃO

Os leitores do «Notícias», ainda devem lembrar-se daquilo que escrevi no n.º 145 deste jornal, sobre «Atestado de pobreza». Alguém me quis cortar os *voadouros*, mas, *Pipi*, continuando a voar, foi encontrado no «Primeiro de Janeiro», — de há poucos dias, a seguinte notícia:

«Sobre atestados de pobreza
Vão ser enviados para juízo mais indivíduos que teem dado falsos informes às Juntas de freguesia, levando-as a atestar a pobreza de candidatos a admissão e internamento nos Hospitais Cívicos a pessoas de quem, depois de admitidas, se verifica não serem pobres.»

Como se vê, é a confirmação pura e simples, daquilo que escrevi sem a intenção de ofender os inocentes. Não pedi a ninguém que viesse em meu auxílio, mas o certo é que vem muito a propósito a notícia acima transcrita cuja leitura aconselho a todos aqueles que não concordaram com o meu modo de ver a tal respeito.

FOLHETIM

NUELAM MYRIAM

(Fantasia oriental em 1 acto e 3 quadros)

Por

Conde de Montemór.

NUELAM — Como custa dormir sem o coração adormecer!... Aziyadé, Aziyadé!

AZYIADÉ — Ah! Hoje o sol acordou primeiro que os teus olhos. Há muito que, ainda nos jardins era noite e já aqui no teu quarto era dia, porque a luz do teu olhar iluminava-o todo... E que lindo é o sol a despontar...

NUELAM — Abre aquela janela. Quero ver o sol, quero ter o sol aqui à minha beira.

AZYIADÉ — Que tonta! O sol já não é criança e, de tão alto que vai, já não cabe todo por esta janela para chegar até junto de ti...

NUELAM — Eu sei, eu sei. Até o sol não quer brincar comigo!... Tenho os olhos cansados, sonhei muito hoje. Quero ver o mar, quero falar com ele.

AZYIADÉ — Que terás tu, Nuelam, para dizer ao mar que não pode entender-te? Está longe. O seu brilho é pálido como o de uns olhos semi-cerrados, dormentes.

to. Diz o povo que o diabo *tece* com linhas tortas e que Deus só trabalha com elas direitas. Eu, que nem sou Deus nem o diabo, só procedo conforme a minha consciência, mesmo quando tenha a certeza de que não agrado a todos.

UMA GRALHA

No meu eco «*Em que se fica?*», inserto no n.º 136 do «Notícias», onde se lê... «um dos casos em que a honra e o proveito não cabem no mesmo saco», o não está a mais. Fica, assim, desfeita a *gralha* e o saco continua aberto para receber a honra e o proveito na resolução do caso da luz, que está a inquietar muita gente. Que não demore, pois.

Pipi.

Alius esurit, alius ebrius est...

(Retardado)

Quedava-se já à hora em que esboço estas linhas, a geada fria e penetrante do frígido Dezembro. Já no espaço azul e infinito, as estrelas cintilavam fortemente, aparecendo mais além por entre névulos que se deslocam, a lua clara e límpida como as águas cristalinas dum rio em tarde bonançosa de Setembro. Já os camilhos e montes são brancos, brancos cor de neve, que o sol desfaz e torna escuros quando chega, mas sem força, já quasi a desfalecer. E a esta hora silenciosa da minha pobre terra, terra de encantos onde a natureza salta e brinca como crianças em terraço, tudo se agita e se movimenta para o dia que amanhã surgirá triste e melancólico para uns, mais alegre para outros! A festa de amanhã, à tam tradicional ceia a que não faltam as mais diversas ignarias, também em pranto se irão juntar lágrimas pungentes que calam bem fútil nos que sentem e sofrem as dores de uma alma esfarrapada. São corações e corações que se nuem amanhã em franca companhia, mas quantas doloridas almas se arrumarão tristes como a noite escura e tempestuosa de inverno, sem lhes ser dada a mais comensal refeição, um caldo simples que as aconchegue para melhor passarem as longas noites de inverno, a noite de confraternização familiar. Não faltarão por certo em casa dos abastados, a lista imensa dos acepipes que bem se poderiam dispensar. Não faltarão em muitos lares fartos, grossas fileiras de criados que não de servir o seu senhor! Não faltarão bem por certo os grandes trajes que a noite requisita, e além da família não faltarão à chamada também convidados que não acabam mais! Tudo goza nesta noite, tudo se diverte como pode, mas quantos e quantos lares miserandos, não terão em cima da rude mesa de todos os dias, um pouco de pão! Quantos e quantos pais não vão partir a tarde e surgir a noite e terem de confessar a seus filhos que não há que comer! Quantos e quantos casebres terão em vez de orgias e músicas estridentes, a voz de um doente que geme e suspira em cima de quatro táboas mal amanhadas, onde o diabo ainda não chegou para as substituir por eunergias! Quantos e quantos recantos da rua fria e imunda se encherão nesta noite daqueles que não têm casa, dos que não têm eira nem beira! Quantos e quantos desgraçados irão nesta noite de porta em porta, mendigando uma esmola! Quantos e quantos se regelarão nas pedras húmidas da calçada, apenas contemplando os que depois da ceia passam em montões, alegres e prazenteiros! Quantos e quantos não de preferir e ambicionar as sobras dos grossos manjares, já fartos de mastigarem em sóco!

E' tudo isto, verdades duras mas sempre verdadeiras, que em todos os anos presenciámos. Se porventura esta festa que reúne em si os membros de uma família, é consoladora para os afortunados, e só eles dela podem gozar, está bem! Mas não deve ser assim. Os miseráveis são nossos irmãos e com as mesmas necessidades que nós. Os miseráveis que se arrastam durante o ano a mendigar aqui e além, necessitam indubitavelmente que nesse dia ao menos, lhes façamos esquecer os seus sofrimentos. Levá-los neste dia de regosijo universal a esmola a casa de um pobre, é digno e humanitário. Consolar os infelizes nestas horas em que todos à volta da tradição se regosijam, é alevantado

lutamente de vaidades, João Serafim da Silva Ribeiro sacrificou-se sempre, com saúde e sem ela, tendo desenvolvido uma certa e ponderada actividade de que nós, Vimeirense, devemos estar agradecidos e reconhecidos.

Quer na Associação dos Empregados do Comércio, quer na Associação Artística, quer no «Pro Vimeirense» ou, ainda, no «Notícias de Guimarães», o seu canseiro amor-bairrista nunca sentiu desfalecimentos ou resfriou um instante sequer.

Alma aberta a todas as iniciativas altruístas, coração dum só fé e dum só querer, o inditoso amigo que tão cedo foi roubado ao carinho dos seus e ao nosso próprio convívio, lembra uma daquelas figuras do Passado longínquo que nasciam a balbuciar o nome da Mãe e morriam abraçados à ideia da Terra que lhe embalara os primeiros sonhos da despreocupada infância.

Paz à sua alma e a nossa profunda saudade a chorar a perda do companheiro de tantas horas de trabalho e de porfiada luta!

Alguns dados biográficos: João Serafim da Silva Ribeiro, que contava 34 anos de idade, trabalhou em diversas colectividades da nossa terra, prestando serviços dignos de louvor na Associação de Classe dos Empregados do Comércio, na Associação de Socorros Mútuos Artística Vimeirense, no glorioso grupo «Pro Vimeirense» de que foi um dos fundadores, nos Bombeiros Voluntários, na Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, etc. Foi presidente de algu-

NUELAM — Tens razão, nem é! Mas eu quero ver o sol. Ao menos, traz-mo nos teus cabelos. Abre a janela.

AZYIADÉ — Os meus cabelos só te podem trazer a neve, de tam brancos, e os meus olhos uma débil réstea, de tam apadados.

NUELAM — Até tu tens tristezas, Aziyadé! Assim, quero mais luz. Ah! Há tanto tempo que o sol devia ter abandonado o sono! Que pena as flores já terem acordado! Gosto tanto de as ter adormecidas ao meu colo. Sabes? As flores são como as crianças...

AZYIADÉ — Choraste? O veludo dos teus olhos está orvalhado... Que tristeza a tua! Todos te estranharam. Acham-te tristonha, parece que só olhas para ti. Ninguém tem a graça dum sorriso teu. Vou queimar essências para te alegrar.

NUELAM — Podes queimar. Quero que os perfumes me repassem. Os perfumes são como certos olhares acariciando-nos, numa ilusão.

AZYIADÉ — Fazes-me lembrar a velha Hind, cicarsiana branca como oambar, que vivia sempre perdida em tristezas. Diziam que um oriental lhe levava o coração. Allah lhe dê o descanso. Muitas vezes os seus lábios tocavam a tua fronte.

NUELAM — Certamente, a tristeza do seu coração passou para o meu, através do seu beijo. Quero ir um dia acender a lâmpada da sua jazida...

AZYIADÉ — Será atendida a tua vontade. Queres que te toque melhor? A tua boca parece uma flor...

e nobre. Seja pois a noite de Natal alegre para todos sem excepção, embora saibamos que uns morrem de fome, e outros impam de cheios!

Triste verdade que corta e dilacera a alma...

DOMINGOS GOMES.

(Do Instituto de Cultura Geral).

Dezembro de 34
Coimbra.

João Serafim da Silva Ribeiro

Falecimento e funeral do antigo e saudoso administrador do «Notícias de Guimarães».

João Serafim, aquele bom amigo que tanto trabalhou nesta casa em prol de Guimarães, e a quem a Morte há muito vinha espreitando, morreu!

O seu desaparecimento, embora não nos tenha surpreendido, pois já o vinhamos esperando há umas semanas, contristou-nos profundamente e contristou, também, todos aqueles que com o extinto conviveram ou alguma vez o tiveram a seu lado a colaborar em obras que tendiam ao engrandecimento desta terra a que tanto quis e pelo progresso da qual tanto se esforçou.

Humilde e modesto, desprendido abso-



lutamente de vaidades, João Serafim da Silva Ribeiro sacrificou-se sempre, com saúde e sem ela, tendo desenvolvido uma certa e ponderada actividade de que nós, Vimeirense, devemos estar agradecidos e reconhecidos.

Quer na Associação dos Empregados do Comércio, quer na Associação Artística, quer no «Pro Vimeirense» ou, ainda, no «Notícias de Guimarães», o seu canseiro amor-bairrista nunca sentiu desfalecimentos ou resfriou um instante sequer.

Alma aberta a todas as iniciativas altruístas, coração dum só fé e dum só querer, o inditoso amigo que tão cedo foi roubado ao carinho dos seus e ao nosso próprio convívio, lembra uma daquelas figuras do Passado longínquo que nasciam a balbuciar o nome da Mãe e morriam abraçados à ideia da Terra que lhe embalara os primeiros sonhos da despreocupada infância.

Paz à sua alma e a nossa profunda saudade a chorar a perda do companheiro de tantas horas de trabalho e de porfiada luta!

Alguns dados biográficos: João Serafim da Silva Ribeiro, que contava 34 anos de idade, trabalhou em diversas colectividades da nossa terra, prestando serviços dignos de louvor na Associação de Classe dos Empregados do Comércio, na Associação de Socorros Mútuos Artística Vimeirense, no glorioso grupo «Pro Vimeirense» de que foi um dos fundadores, nos Bombeiros Voluntários, na Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, etc. Foi presidente de algu-

NUELAM — Uma flor já morta... AZYIADÉ — Já morta e tam rósea ainda?

NUELAM — Tu sabes muito bem, Aziyadé, que as flores desfalecem no Outono... A cor dos meus lábios é apenas uma elegia...

AZYIADÉ — Não te compreendo... Vejo sempre as sereias dolentes dos teus olhos mergulhadas numa lágrima. Que tristeza punge o teu coração? Olha bem os meus olhos, docemente, longamente. Não vês neles a amizade?

NUELAM — Vejo, vejo. Eu leio muito bem nos teus olhos. Allah não perdoa a ingratidão. A luz do meu olhar amorteceu... Manda que calem aquela fonte. Entristece-me a sua voz, parece um exilado a cantar. A tristeza condensa-se na sua canção. Podes ir, Aziyadé, para o jardim.

AZYIADÉ — Anda ver. Anda ver pombas, muitas pombas brancas. NUELAM — Que lindas! E' tam branca a sua alegria. Aquela árvore tam verde parece um berilo. Olha, o céu não tem uma névum. Gosta tanto de ver o rebanho de que o vento é pastor!

AZYIADÉ — Repara como as pombas passeiam tam devagar, vão embaladas num sonho, vão a sonhar...

NUELAM — Fala-me na cicarsiana branca e pálida que me vinha afagar quando eu ainda andava pela tua mão. Espera. Nos meus sonhos, vejo uma mulher a chorar sobre mim. São dela as lágrimas que tenho nos olhos, ao desper-

mas destas colectividades e fez parte das comissões que levaram a efeito a comemoração da Batalha de S. Mamede e, por vezes, a Marcha Milaneza, tendo trabalhado, também, em alguns anos, na realização das festas da Cidade.

Em 1932 entrou para a administração do «Notícias de Guimarães», revelando-se-nos, durante mais de um ano, um administrador zeloso e um camarada lealíssimo. Depois, por absoluta falta de saúde, teve que abandonar aquele lugar; apesar disso o seu interesse pelo nosso jornal parecia aumentar e mesmo horas antes de falecer o mostrou claramente.

O saudoso finado era casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes de Lemos Almeida, de quem deixa dois filhinhos, cunhado da sr.ª D. Maria Luísa de Lemos Almeida Mendes, genro do nosso prezado amigo sr. João Evangelista das Neves Almeida, cunhado do sr. João Mendes Guimarães.

A toda a sua família, a expressão de sincero pesar do «Notícias de Guimarães».

O funeral do nosso inditoso amigo realizou-se na tarde de sábado, no templo da Misericórdia, com uma assistência numerosa e selecta, entre a qual se viam oficiais do exército, médicos, advogados, professores, industriais, empregados no comércio, Bombeiros Voluntários, com o seu estandarte; jornalistas, etc. etc.

Aos officios presidiu o rev. Francisco Faria, acolitado por vários eclesiásticos e ladeado pela instituição de caridade e irmandade da Misericórdia. Ao harmonium esteve o organista sr. Francisco Correia Lopes, que executou várias composições, e fez-se ouvir um câro de vozes.

Ao centro do templo que se achava lateralmente cheio e profusamente iluminado levantava-se uma elegante eça sobre a qual pousava o atúde que estava coberto de bouquets e ramos de flores com sentidas dedicatórias do «Notícias de Guimarães», da família dorida, e dos amigos do finado.

Findos os responsos, foi o caixão conduzido para o auto-funerário e trasladado, com grande acompanhamento, para o cemitério Municipal, onde ficou encerrado em jazigo de família.

Antes do cadáver baixar à sua última morada o nosso director disse as seguintes palavras:

«Neste lugar sagrado onde só a Dôr e a Saudade nos trazem, levanta-se a minha pobre voz, que mal pode articular meia dúzia de palavras ante o acontecimento que fez entristececer a nossa alma, para dizer um adeus sincero e sentido a um amigo dedicado, a um vimeirense que sempre soube colocar acima de tudo o nome e os interesses da sua terra.

Quisera dizer-lhe, neste momento de última despedida, quanto sinto, quanto sente o «Notícias de Guimarães», o seu conhecido a sua actividade e as suas invulgares qualidades, o seu desaparecimento.

Não posso porque a cumoção que experimento o não permite e não quero porque não devo perturbar o sono deste humilde mas sincero e bom conterrâneo nosso, para quem o Destino foi tam cruel.

João Serafim; que na Eternidade recebe a recompensa de todos os seus trabalhos e de todos os sacrificios e que a sua boa alma descanse em paz».

Representações

O nosso director representava, no funeral, a direcção do «Diário de Lisboa», de que o extinto era correspondente e que, telefonicamente, disse o incumbiu. Também representava, por pedidos recebidos telegraficamente, os Poetas Delfim de Guimarães e Leão Martins, o nosso colega sr. João de Deus Pereira, que se encontrava em Lisboa, o Engenheiro António Sarmiento, seu irmão o sr. Dr. Mário Dias de Castro, o administrador do N. de G., sr. Pedro de Freitas, e o sr. Artur Fernandes de Freitas.

— O sr. António Qualberto Pereira representava seu tio o sr. João de Faria e Sousa Abreu.

— O sr. Dr. Francisco Fraga representava seu pai, o sr. Capitão Duarte Fraga.

— O sr. Francisco de Carvalho Jacin-

tar. Quantas vezes a vejo bailar ao som das músicas cuja idade nós desconhecemos. O mistério das nossas músicas é como o mistério das nossas almas. Que os que não são da nossa raça, não dessem ouvir o nosso coração.

Aqueles que ouvirem a esfinge que nele mora, ficarão encantados. Que frio!...

AZYIADÉ — Tens frio? A brisa da manhã já se cansou... nem os ciprestes ondeiam...

NUELAM — E' a minha alma que tem frio... Sabes qual é a chama que aquece alma?

AZYIADÉ — Não sei... e talvez isso seja um segredo de Allah... Se o meu coração te puder acalentar...

NUELAM — Não é segredo, não. Se acaso em algum tempo foi mistério, há muito que alguém o decifrou...

AZYIADÉ — Foi algum espírito que à hora do descanso não deixou adormecer o teu coração e lho disse num murmúrio...

NUELAM — Sabes ler nas almas, como os ciganos nas palmas das mãos! Depois de ler, escondidamente, os versículos dum rei de nome Salim, que reinou em Jerusalém, adormeci. Ouvi dizer, então, ao meu ouvido: Só o amor satisfará o teu sonho inquieto.

Nuelam Myriam, és como Sulamite. Procura o amado do teu coração.

AZYIADÉ — O Amor?!... NUELAM — A tua voz agora parecia dum criança...

ESPUMANTES NATURAIS
«RAPOSEIRA»

Produtos de alta qualidade e de preços justificáveis.

to representava seu pai, o sr. José Jacinto Júnior.

Notas

A chave do caixão foi entregue ao sr. Antonino Dias de Castro, director do «Notícias de Guimarães».

— Os nossos escritórios conservaram as suas portas fechadas desde o dia do falecimento até ao dia imediato ao funeral.

— O pessoal do N. de G. tomou parte, também, no funeral, para o qual a direcção deste jornal fez convites públicos.

— Vários amigos do nosso jornal enviaram-nos cumprimentos de condolências pela morte do nosso antigo e saudoso administrador.

Uma carta sobre o assunto da estrada da Corredoura

Ex.º Amigo e Caro Antonino:

Permita-me que lhe vá roubar um pequenino espaço do seu patriótico, regionalista e bem redigido jornal para dizer, também, da minha justiça e o que penso sobre a já célebre e encantada estrada da Corredoura a Castanheira. Não quero ficar no campo do silêncio e do indiferentismo, depois da entrevista dada pelo sr. Manuel Domingues Claro. Desculpe-me, pois, e vamos ao caso.

A estrada da Corredoura a Castanheira é irrealizável, desde que siga o traçado primitivo. Não há Câmara alguma que o possa cumprir como não houve, também, a 50 anos, Câmara que lhe desse execução. Porquê?

Porque o traçado levantado, ao sabor dos políticos, passa por campos lavrados de 1.ª e 2.ª classe — ou ordem, obriga a construir presas para águas, uma boa centena de aquedutos, muros de suporte, pontes e aterros de grande volume, etc., o que obrigaria e acarretaria uma despesa fabulosa ao Município, acrescida ainda, da importância do pagamento dos terrenos citados, aos proprietários das quintas que o projecto atravessa. Para a sua construção, para tudo, enfim, actualmente gastar-se-ia para cima de mil contos. Em terreno montanhoso poderia contar-se, somente, uns mil metros até ao lugar de Vilarinho.

Por tudo isto, é impossível a sua realização. Senão, é consultar o sr. dr. Salazar ou sua família e ver-se-á, também, a sua opinião.

Este traçado foi feito unicamente, para enganar os papalvos políticos, pois servia, apenas, para conspurcar os seus votos com o prometimento de... *pode crer, a estrada agora vai...* O tempo passava. A estrada não seguia, até que novas eleições chegavam e o mesmo truque era posto à prova de fogo. Passavam as eleições e tudo como dantes, porque a estrada era *eleicoeira*, o seu traçado era para inglês ver, era, enfim, o... engana meninos e papa-lhes o pão. Ludibriando-se, assim, os políticos locais, durante 46 anos.

Aparece, em 1930, o sr. Capitão Magalhães Couto, Vice-Presidente da Comissão Administrativa do Município, e, muito conhecedor da grande necessidade da construção da estrada, tenta, com toda a sua boa vontade, dar-lhe início, conseguindo incluí-la na rede geral das estradas do Estado e examinando, juntamente, com o Engenheiro da Câmara, sr. Major Castilho, os lugares por onde o traçado seguia. Este mostra os inconvenientes do projecto e os obstáculos que encontra no Monte de Abrantes.

Novos estudos são postos em prática. Nesta altura, Aparecem as contrariedades

Foi assim a minha quando a luz abriu os meus olhos e eu ouvi a voz longínqua e perdida dum muzem e me prostrei numa oração. O Amor... O Amor...

AZYIADÉ — Como tremem as tuas mãos!...

NUELAM — Tremem como mendigos que não tiveram, ainda, um afago. Dá-me as mais lindas esmeraldas, para os meus dedos. Que, ao menos, a esperança os acarie.

AZYIADÉ — Quem me dera saber o que diz, agora, o teu coração.

NUELAM — Não queiras saber, não me escutes os sonhos. Quando todos soubessem este segredo, morrerá o meu desejo.

AZYIADÉ — Talvez a experiência dos velhos acalme a tua inquietação. Que ela seja só aragem que passa...

NUELAM — Não, não. O sol quando se ergue mata as estrelas. Quando ele tomba, elas surgem e o luar canta. Assim, a sonhar, os nossos desejos. Assim, o amor entoa a sua melodia...

AZYIADÉ — Melodia de desejo, de esperança ou melodia de saudade. A mais fugidiva é a da satisfação. Em breve nos encontramos a lembrá-la.

AZYIADÉ — Mas tu, nobre filha de Abd-el-Kader, apetece um noivo? Vai e dize a teu pai, que ele escolher-to-há.

(Continua.)

Chama-se a atenção para a 4.ª página.

O Natal dos nossos Pobres

Manuel Artur Gonçalves Ferreira	Transporte	989\$50
Jacinto José Ribeiro		25\$00
José de Freitas Neves		10\$00
Menina Francisca Clotilde		5\$00
Lino Teixeira de Carvalho (Lisboa)		10\$00
Anónimo, em sufrágio das almas de seus saudosíssimos pais e irmãos		20\$00
Manuel Pina (Lisboa)		5\$00
José Nunes		5\$00
Alberto da Silva Caldas (S. Paulo) em sufrágio das almas das falecidas sr. ^{as} D. Rosa do Carmo Dias e D. Noémia Caldas		50\$00
D. Luisa de Araújo Gomes Guimarães		20\$00
A Têxtil das Azenhas Novas, L. ^{da} (Vizela)		10\$00
Antão de Lencastre		5\$00
José Maria de Almeida (Amares)		30\$00
Dr. António José da Silva Basto Júnior		10\$00
Manuel Joaquim Pereira de Carvalho		5\$00
Sebastião Pereira Guedes		5\$00
Anónimo		5\$00
F. C.		10\$00
L.		10\$00
João Pereira Mendes		10\$00
Jerónimo Sampaio		2\$50
Anónimo		2\$50
António José Ribeiro (Atães)		5\$00
Anónimo		30\$00
Dr. António de Jesus Gonçalves		5\$00
José Lopes de Almeida Guimarães (Luso)		20\$00
Verotídio Ferreira (Lisboa)		5\$00
Anónimo		10\$00
Tenente Alberto Carvalho de Melo		10\$00
Manuel Fernandes Pôrto (Freamunde)		50\$00
José Maria Cândido de Paiva		50\$00
Aristeu Pereira		5\$00
Anónimo		5\$00
Domingos Alves Ferreira		5\$00
Condessa de Margaride		5\$00
D. Maria José Mota Prego		10\$00
José Pinto da Fonseca		10\$00
José Nunes		5\$00
		1.487\$00

Conclue no próximo número.

deram, desvio justo e acertado, lucrando o Cofre Municipal, com esse desvio, uns 80 %, mas somente mostrei os terrenos do primitivo e novo traçado a pedido do Vereador já citado, sr. Saraiva Brandão e mesmo porque os meus pedidos não seriam atendidos.

Pedindo desculpa de tanta maçada e com os meus antecipados agradecimentos, creia-me Amigo muito sincero e leal como é o

José Gomes.

Guimarães, 28/12/934.

CALÇADO AGASALHO

o maior sortido aos melhores preços SÓ NA CAMISARIA MARTINS

TERRENO

O melhor situado, junto do edificio dos novos Paços do Concelho em construção, com a superfície de 590m² vende-se.

Informa esta redacção.

PELO DESPORTO

Uma manifestação ao "Noticias de Guimarães,"

No domingo à noite vieram à nossa redacção algumas centenas de pessoas fazer uma manifestação de aplauso e simpatia ao "Noticias de Guimarães."

A falta de espaço não nos permite alongar, como merece, esta notícia, o que faremos no próximo número.

O problema da Luz eléctrica

Câmara Municipal de Guimarães Nota offiçosa

A Câmara renova o aviso feito, na sua anterior nota offiçosa, aos consumidores de luz eléctrica, no sentido de que não devem pagar à firma fornecedora preço superior ao que tem pago, pois, como nela declarou, não tem ela direito a agravá-lo e informa que, se tanto for preciso, não duvidará tomar as devidas providências.

Guimarães, 22 de Dezembro de 1934.

O Presidente da Comissão Administrativa,

José Francisco dos Santos.

Aos Srs. Consumidores de energia Eléctrica

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães publicou nova nota offiçosa, com data de 22 do corrente mês de Dezembro, renovando o aviso feito aos Srs. Consumidores para não pagarem preço superior ao que têm pago, repetindo a afirmação de que a firma concessionária não tem direito a agravá-lo.

O que seria interessante é que da nota offiçosa constasse a razão desta afirmação. Mas como a Comissão Administrativa da Câmara não tem qualquer fundamento legal ou contractual para justificar o seu aviso, limita-se a fazer aquela simples e pura afirmação.

Ora a firma ex-concessionária disse no "esclarecimento", que publicou em 10 do corrente mês, e fez distribuir, que tem o direito de elevar o preço do Kilo-watt de energia e disse a razão por que tem esse direito.

E nada opõe na nota offiçosa de 22 do corrente a Comissão Administrativa da Câmara aos argumentos contidos no referido "esclarecimento".

Por isso a firma ex-concessionária torna público que fará valer o seu direito pelos meios que as leis lhe facultem.

A firma ex-concessionária torna também público que, em virtude de ter sido julgado nulo e inexistente, por deliberação da Câmara Municipal e por Acórdão do Supremo Tribunal Administrativo, o contrato constante da escriptura de 30 de Agosto de 1919, no qual assumiu a obrigação de fornecer energia eléctrica diurna para iluminação particular, nos domésticos e força motriz de pequenas indústrias, deixa de fazer este fornecimento a partir do dia 1 de Janeiro do futuro ano de 1935.

Guimarães, 28 de Dezembro de 1934.

BERNARDINO JORDÃO, F.^o & C.^a, Ltd.^a

Da Cidade

O número de natal do «Noticias de Guimarães» — Causou verdadeiro sucesso, sendo recebido com o melhor acolhimento, o número de natal do «Noticias de Guimarães» que muito contra nossa vontade, só pôde ser posto à venda dois dias depois da data fixada.

Em alguns artigos notaram-se muitas gralhas. Os primeiros versos do consagrado poeta da Raça, dr. Américo Durão tinham também, as suas, mas que nos perdõem os nossos ilustres colaboradores... assim como nós perdooamos... aos nossos revisores.

Cumprimentos de boas-festas — Várias pessoas, firmas comerciais e colectividades desta cidade, de Lisboa, Pôrto e outras localidades, apre-

sentaram-nos os seus cumprimentos de boas-festas, gentileza que muito agradecemos, desejando a todos um novo ano muito feliz.

Consoada — Realizou-se, ultimamente, na capela privada da Casa do Salgueiral, o casamento da sr.^a D. Maria Ana Eduarda da Cunha Guimarães, gentil filha do considerado industrial, sr. Francisco Inácio da Cunha Guimarães, com o sr. António Gomes Ferreira da Costa, filho do importante industrial sr. Artur Gomes Ferreira da Costa, tendo sido celebrante o sr. Bispo de Angra do Heroísmo, tio paterno da noiva, o qual pronunciou uma tocante alocução adequada ao acto.

Aos noivos desejamos muitas felicidades.

Consoada dos Pobrezinhos — Numa das dependências do antiquissimo Albergue de S. Crispim effectou-se na noite da véspera de Natal — segunda-feira — a secular Ceia de Consoada dos Pobres, festa que constitue uma das mais simpáticas obras de caridade da nossa terra e que é, para todos nós, de um alto significado social.

Graças à iniciativa de dois humildes operários que em 1315 instituíram a Ceia dos Pobres em S. Crispim — João e Pero Beirão — e ainda aquelas pessoas que no mais humanitário dos gestos, tem continuado a sua obra — obra de gente humilde a favor dos humildes — a Consoada atingiu este ano um maior brilhantismo, reinando entre todos os pobrezinhos a maior alegria.

O recinto da Ceia achava-se decorado artisticamente pelos conceituados armadores srs. Eugénio & Novais e pelo hábil decorador sr. Bernardo Barreira, e profusamente iluminado, tendo a iluminação sido oferecida, gentilmente, pelo concessionário da Luz Eléctrica srs. Bernardino Jordão, F.^o & C.^a. As mesas estavam adornadas com flores. Ao fundo da sala um grande quadro representando a Ceia de Jesus. E, para que nada faltasse, em tam memorável noite, aos filhos da Desgraça e da Desventura, lá estava também, por iniciativa do sr. Francisco Ribeiro de Castro, proprietário da Casa das Novidades, um magnifico aparelho de T. S. F. a fazer-lhes esquecer os momentos — os intermináveis momentos — de fome, de tristeza, de miséria enfim.

Foram servidas ali 530 refeições e distribuídas, por familias envergonhadas mais de 615 rações.

Benemerência — O nosso conterrâneo sr. Albano Guise, ausente no Rio de Janeiro, enviou o importante donativo de 500\$00 para a ceia dos pobres de S. Crispim.

Também o nosso conterrâneo sr. Alberto da Silva Caldas, ausente no Estado de S. Paulo, mandou distribuir dois mil escudos, por várias instituições de caridade da nossa terra.

Igualmente os importantes industriais srs. Alberto Pimenta Machado e Francisco Inácio da Cunha Guimarães, mandaram distribuir, pelo Natal, avultados donativos por diversas casas de beneficência desta cidade.

Gestos destes louvamos.

Falecimento dum benemerito — Em Lameço, onde residia, faleceu o sr. Conde de Arneiro, sócio honorário da Sociedade Martins Sarmento e um dos seus maiores amigos e benemeritos.

O extinto era o único sobrevivente do grande sábio arqueólogo e saudosos vimaraneses dr. Francisco Martins Sarmento.

Em sinal de sentimento foram encerradas as portas da S. M. S., tendo a direcção de tão prestante colectividade resolvido exarar na acta um voto de pesar e enviado um telegramas de condolências, à familia do illustre morto.

Homem afogado — Num riacho existente próximo das Caldas das Taipas appareceu afogado Joaquim de Sousa «O Rato», carreção. O cadáver do infeliz foi retirado pelos B. V. das Taipas.

Donativos às casas de caridade — Para comemorar as festas do Natal o sr. administrador do concelho fez distribuir os seguintes donativos, produto duma subscrição feita entre alguns seus amigos: Albergue de Santa Margarida, 100\$00; Albergue de S. Crispim, 100\$00; Presos da Cadeia Civil 300\$00; Entreavdos de S. Paio, Entreavdos de S. Domingos, Entreavdos do Campo da Feira, Asilo de Santa Estefânia, Creche de S. Francisco e Oficinas de S. José, 200\$00, a cada.

Espectáculo — No salão nobre da Assembleia Vimaranesse realizou um sensacional espectáculo o célebre dr. Ferusa e o medium Ferdoli, que nesta cidade causaram verdadeiro successo.

Dêlivranceo — Teve a sua «dêlivranceo», dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.^a Natália Mendes da Silva Pereira, esposa do sr. Carlos da Silva Pereira.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Esteve em Lisboa, tendo regressado já, o nosso distinto camarada sr. João de Deus Pereira.

Fixou residência em Moreira de Rei — Fafe — o sr. Tenente José António de Matos Júnior que nesta cidade viveu durante alguns anos. Agradecemos os cumprimentos de despedida que se dignou apresentar-nos.

Vimos nesta cidade, a passar as festas do Natal, entre outros, os nossos amigos srs. dr. Raúl Alves da Cunha

dr. Jerónimo Rocha, dr. Gabriel Faria, dr. Serafim Ferreira de Oliveira, dr. Armando Crespo, dr. João da Mota Prego Faria, Alvaro da Silva Penafort, Custódio Vila Nova Guimarães, dr. Filinto Elisio Vieira da Costa, Delfim de Guimarães, Joaquim Alberto César, Manuel Xavier de Carvalho, capitão António Garcia de Sousa Ventura, João Ribeiro da Silva e Castro, Jaime Sampaio, António Ferreira, António Pereira Mendes, dr. Alvaro de Magalhães, Pedro Pereira de Freitas, Agnelo Pereira de Freitas Pires, dr. Francisco Fraga, etc.

Foi acometido de uma congestão pulmonar o estimado professor primário e nosso bom amigo sr. P.^o Afredo Correia, que conta entre nós muitas simpatias.

Continua doente o antigo e zeloso tesoureiro municipal, sr. João de Faria e Souza Abreu.

Continua a experimentar sensíveis melhoras o nosso prezado amigo sr. José Faria Martins.

Desejamos o pronto restabelecimento dos doentes.

FALECIMENTOS

António Feliciano da Silva Caldas Foi aqui muito sentida a morte do antigo comandante dos Bombeiros Voluntários de Vizela, sr. António Feliciano da Silva Caldas, pai do actual comandante sr. tenente Caldas.

Em sinal de sentimento, a bandeira da corporação dos B. V. de Guimarães conserva-se a meia haste, e esta prestante e humanitária associação fez-se representar, no funeral.

Ao sr. tenente Caldas, e à sua floresente colectividade, os nossos sentimentos.

D. Maria de Oliveira Amaral Coelho Guimarães (Geraldo)

Em avançada idade faleceu, nas suas propriedades de Moreira de Cónegos, a sr.^a D. Maria de Oliveira Amaral Coelho Guimarães (Geraldo), extremosa mãe dos nossos amigos srs. António, Miguel e Geraldo Coelho Guimarães.

A extinta era muito estimada no nosso meio pelas excelentes qualidades de que era possuidora, motivo porque a sua morte causou muita consternação.

O seu cadáver foi trasladado, no sábado, para a capela da V. O. T. de S. Domingos, desta cidade, onde, perante numerosa e selecta assistência, se realizou o funeral, tendo sido o cadáver trasladado, após os officios e com numeroso acompanhamento, para o cemitério Municipal.

A toda a familia enlutada os nossos sentimentos.

Acácio Ribeiro da Silva Figueiredo

Na Casa da Quinta da Fonte-Santa faleceu, no dia 25, o sr. Acácio Ribeiro da Silva Figueiredo, que contava 34 anos de idade e era muito estimado no nosso meio.

O extinto que era casado com a sr.^a D. Isaura de Jesus da Costa Rodrigues Figueiredo, de quem deixa dois filhinhos, filho do estimado capitalista sr. Júlio Pereira de Figueiredo, irmão do sr. João da Silva Figueiredo e da esposa do importante industrial sr. Antero Henriques da Silva, exerceu, com muita competência, o lugar de escriptão do 2.^o officio da Comarca de Amarante, onde era muito querido.

A sua morte foi muito sentida. O seu funeral, realizado na Paroquia de Urgez, foi largamente concorrido.

A familia enlutada as nossas condolências.

D. Armandina de Oliveira Mendes

Contando apenas 29 anos de idade faleceu, após demorados sofrimentos e vitimada por uma pertinaz doença, a sr.^a D. Armandina de Oliveira Mendes, estremeçada filha do sr. Francisco Teixeira Mendes, estimado proprietário do Restaurante Teixeira Mendes e official de Justiça e irmã das esposas dos srs. Domingos Duarte e Tomaz Esteves.

Embora já infelizmente esperada, a sua morte foi muito sentida.

O seu funeral, que teve uma numerosa assistência, realizou-se na sexta-feira, na capela de S. Domingos.

A toda a familia dorida os nossos sentimentos.

Também faleceu a sr.^a D. Maria da Conceição Oliveira e Costa, filha do habil mecânico sr. José de Oliveira Costa a quem apresentamos condolências.

O drama dos homens...

O artigo que, com este titulo, publicamos no nosso número de Natal do «N. de G.», estava cheio de gralhas e tantas elas eram que não é possível fazer uma rectificação total. No entanto, como há algumas que são graves, nós fazemos a sua emenda:

Onde se lê:	Deve lêr-se:
crise de moral,	crise moral
tudo se limita, pois	tudo se limita, pois;
campo da luta	campo de luta
páramo de subtil	páramo subtil do
Espirito	Espirito
fluxo inenitado que	fluxo pelo qual êle
o destina	se destina
(deixar fazer esta	(deixar fazer a fra-
fase)	se...)
obrigamo-nos	abrigamo-nos
mais se suga	mais se nega
espaço dramático	esforço dramático
São estas as principais.	

A. S.

Visado pela Comissão de Censura.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136

Do Concelho

Caldas das Taipas, 27.

Está consumado!

Morreu, como previamos, o pobre Rato; morreu desgracadamente!

Quando ia para descansar num palheiro aonde pernoitava por compaixão de um lavrador do sítio, ao cerrar da noite do dia 23, ante-vespera do Natal, ao descer da Estrada Nacional por um carroeiro que conduzia a casa, escorregou, caindo ao regato. Uma mulherzinha, que mora perto, vira-o desaparecer e ouvira-o balbuciar algumas palavras. Suspeitando de que êle tivesse caído ao regato e encontrando-se sôzinha, gritou por socorro. Comparceram os bombeiros que mudados com archotes começaram a pesquisa. São percorridos uns 60 metros do regato e o infeliz é encontrado, metido de cabeça, ao fundo da calceira de um dos mofinhos ali existentes. Estava morto. Mas a triste odisseia da sua vida não terminara ainda com a morte!

A porta do mofinho, estendido no chão, bôca e olhos semi-abertos, algumas equimoses pelo rosto, davam-nos a impressão tão nítida quanto dolorosa do desespero da trágica morte!

E nem um pau, uma manta velha que fosse a cobrir-lhe o corpo inauinado!

Confrangeador e lúgubre quadro êste! Chamadas a intervir as autoridades competentes foi resolvido, depois das formalidades legais, remetê-lo para a Santa Casa, de onde veio, por ordem da autoridade administrativa, o caixão e o carro fúnebre que os conduziu a Guimarães.

E aí está como terminou tão desgracadamente a vida de uma criatura sem assistência alguma de quem de direito — pois há muito deveria ter sido internado

num asilo — sem um lampejo de dôr, sem ninguê que por si vertesse uma lágrima de saudade ou compaixão.

E' que a sociedade moderna é pouco atreita à miséria do seu semelhante! E' tudo isto tão banal e tão sem importância que lhe não merece sequer um momento de reflexão!

Parece até que a própria terra — a sua terra — mancomunando-se com o de-prêso em que vivera, se recusara a receber o seu corpo!

Pobre e infeliz Rato. Que Deus se amercie da tua alma já que dos homens tão abandonado foste!

E eu, que me encontro ainda sob a impressão pungente que me invadiu o espirito no momento em que ao local fui chamado por dever de officio, sentir-me-ia satisfeito, mesmo feliz, se aos meus olhos se não deparassem — mais nunca — quadros tão tristes como êste!

S. Torcato, 19.

Eleições e outras notícias.

No pretérito domingo, realizou-se no edificio escolar desta freguesia, a eleição parlamentar da acção que foi muito concorrida.

A's 9 horas foi constituída a meza: **Presidente**, Alberto Pimenta Machado. **Vice-presidente**, João Ribeiro de Faria. **Escrutinadores**, António José de Amorim e Francisco de Assis da Silva Dantas. **Secretários** — José Mendes Meira e Francisco Ribeiro de Faria.

Suplicantes — Sebastião António da Silva, professor oficial e Clementino de Sousa.

Tudo decorreu com a máxima ordem. — O ex.º inspector-chefe do distrito escolar de Braga, criou aqui o curso nocturno para meninas. E' muito útil esta boa lembrança de s. ex.º, mas imprópria, por as meninas andarem de noite fora de

casa. Os pais têm mais que fazer, do que andarem a acompanhar meninas à mestra. Aqui fica o nosso comentário.

S. Torcato, 26.

No pretérito sábado, seguiu dêste centro para a cidade do Pôrto, em gôzo de férias, e a consoar com sua ex.ª familia, a professora oficial desta freguesia, sr.ª D. Ana Rosa Pinto Leitão.

— Na pretérita segunda-feira, veio à freguesia de Rendufe, consoar com seus ex.ºº pais, o nosso ex.ºº amigo, rev. Abílio Fernandes Novais, digno pároco da freguesia de Santa Cristina de Pa-dreiro, Arcos de Valdevez.

— Procedente do Seminário de Braga, onde é professor, veio consoar com sua ex.ª familia, o nosso ex.ºº amigo, rev. Arlindo Ribeiro da Cunha.

— Na pretérita sexta-feira, procedente de Braga, aonde frequenta o curso do magistério primário, veio o nosso amigo, sr. António Ribeiro da Cunha.

— Nesta freguesia e circunvizinhas, tem chovido copiosamente. Os rios e regatos saíram do seu leito; outras cheias têm cavado os caminhos, dando bastante prejuizo aos lavradores.

— Está passada a Festa do Natal de 1934 que, graças a Deus, e pelo que ouço, foi muito bem festejado. Oxalá que o do futuro ano de 1935 nos seja próspero, e que todos igualmente lá cheguemos com saúde e bom êxito em tudo quanto nos pertence.

— Saúdo e felicito na pessoa do seu Director, todos os componentes da redacção do «Noticias de Guimarães», e faço votos para que o futuro ano de 1935 seja coroado de bom êxito.

Rampal.

Crónica Desportiva

Em desafio de Campionato o «Comercial» de Braga vence o «Vitória» por 2 a 0. — Em desafio amigável o «F. Club do Pôrto» vence o «Vitória» por 6 a 2:—:—:—:

Em continuação desta miséria a que pomposamente chamam campionato de Braga, deslocou-se ao Campo dos Peões, novamente, o «Vitória». Perdeu por 2 a 0 como poderia perder por mais. Para conseguir classificar-se neste vergonhoso campionato é preciso que um grupo seja de tal forma superior que possa bater, no campo, o adversário, o árbitro e a Associação.

Da delicadeza e educação desportiva dos bragueses, basta a recepção a Lameiras, Laureta, etc., quando os tentaram linchar. Desta vez falou a energia e boa-vontade do Ex.º Comandante da Policia, a quem o «Vitória» e desportistas vimaranenses devem a maior gratidão. Bastaram 4 guardas da Segurança, armados com carabinas, para conter os valentes bragueses.

O jogo... foi vencido logo no começo com um penalty que o arbitro viu. No segundo tempo, outro goal.

Estava feito o resultado. O «Vitória» dominou ligeiramente no primeiro tempo e intensamente no segundo.

Não marcou porque Dias Pereira arbitrou, e errando a boa visão que teve na marcação do penalty, deixou que o Comercial fizesse uma nova edição do Bemfica-Pôrto, de bem triste memória. Salientaram-se pelo esplêndido jôgo às canelas, Paredes e José Castro, Grandes desportistas!...

Porque não manda o «Vitória», que joga futebol, êstes tartufos jogar o pau com os ursos. Se o «Vitória» fosse de comer, há muito já que havia sido abocadado pelos Associativos... com molho de vilão.

O desafio não merece relato. Foi um team

a defender as canelas dum grupo de fêras que um complacente árbitro lhe soltou.

A. C.

Na terça-feira, dia de Natal, deslocou-se a esta cidade o «Foot-ball Club do Pôrto» que jogou com o «Vitória» no Campo de Ben-lhevai.

Na primeira parte o grupo visitante fez uma fraca exhibição, marcando apenas duas bolas.

No segundo tempo, o «Pôrto» marcou mais 4 bolas e o grupo vimaranense duas. Esta parte teve lances de bom foot-ball, quer da parte do grupo visitante quer da parte do «Vitória».

A arbitragem do conhecido árbitro internacional, sr. António Neves, foi feita com inteligência, à excepção do segundo goal do «Pôrto» que validou em nítido off-side.

Calendário dos Jogos de Campionato

Em Braga: Comercial vence o

Vitória por 2 a 0

Na Póvoa de L. Sporting de Braga

vence o Maria da

Fonte por 1 a 0

Em Braga: Espozende vence o Gil

Vicente por 5 a 1

Série B

Em Braga: Comercial de Braga

vence o Sporting

por 5 a 2

Classificação

(Segundo o «Correio do Minho»)

	Pontos
Sporting de Braga	34
Vitória Sport Club	31
Sporting de Fafe	27
Comercial de Braga	25
Gil Vicente	18
Maria da Fonte	18
Espozende	20
S. C. de Famalicão	15

ESPECTADOR.

Oliveira & Silva, Sucessor

Praça D. Afonso Henriques

NOVIDADES EM

Tecidos de lã para vestidos,

Panos para casacos,

Veludos, Peles e Lãs em fio.

OS MELHORES PREÇOS

TIPOGRAFIA MINERVA VIMARANENSE

Execução esmerada de todos os trabalhos. Impressões em cores e preto. Encadernação. Livraria editora.

Rua 31 de Janeiro, 133 -- GUIMARÃIS

RIBEIRO, FILHO

(ALFAIATE)

Convida os seus Ex.ºs Clientes e Amigos a visitarem a sua casa e a examinarem os artigos de alta novidade do sortido que já recebeu para a próxima estação de inverno, que expõe na sua vitrine, no Largo do Conselheiro João Franco.

ATELIER DE DEBUXOS

DE

DOMINGOS ALVES

Covas — Guimarães

Executa, com a máxima regularidade, colchas e cobertores de damasco e algodão e toalhas em todos os estilos assim como debuxos para maquinas, etc.

«Empresa das Malhas de Guimarães, Ltd.»

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de 23 de Novembro do corrente mês e ano, lavrada pelo notário do concelho de Guimarães, Bacharel António José da Silva Basto Júnior, José Pedro da Costa Caldas, solteiro, maior, capitalista, morador na Praça de D. Afonso Henriques, desta cidade, cedeu aos seus sócios António Pimenta, casado, negociante, morador no lugar do Rio, freguesia da Costa, desta comarca, e Dr. Alberto Ribeiro de Faria, casado, médico, morador na Rua 31 de Janeiro, desta cidade, a sua quota de 40.000\$00, que tinha na socieda-

de comercial por quotas denominada «Empresa das Malhas de Guimarães, Ltd.», com sede nesta cidade, constituída por escritura de 30 de Março de 1933, lavrada pelo mesmo notário.

O preço da cessão da aludida quota foi de 30.000\$00, com todos os correspondentes direitos e obrigações.

Da mesma escritura consta que se acham liquidadas e saldadas todas as contas sociais entre o cedente e a referida empresa, da qual os cessionários são actualmente os únicos sócios.

Guimarães, 30 de Novembro de 1934.

O Notário,

António José da Silva Basto Júnior.

Bom aplicação de capital. Vende-se um prédio com dois andares, completamente restaurado, no Largo 13 de Fevereiro. Falar com Benjamim de Matos.

AMERICAN-BOSCH

Aparelho de telefonia sem fios de fácil sintonização, linhas modernas e elegantes, sem portas, mas completamente fechado.

São estas algumas das vantagens que oferece o AMERICAN-BOSCH.

O modelo 360-W. de 7 lâmpadas — equivalência de 11 lâmpadas — encerra os maiores aperfeiçoamentos em aparelhos de T. S. F.

O nome, já de si bem conhecido em todo o mundo, do AMERICAN-BOSCH, constitue uma garantia para aquêles que apreciam a verdadeira jóia da moderna engenharia de rádio.

Rádios Receptores de vários modelos, desde 1.100\$00 a 5.000\$00.

AGENTES EM GUIMARÃIS:

Gomes Alves, Matos & C.ª

PRAÇA D. AFONSO HENRIQUES, 68, a quem podem ser pedidas demonstrações.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS Jornal defensor dos interesses do Concelho PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção e Administração: LARGO CONSELHEIRO JOÃO FRANCO, 30

Ex.º Sr.

Sauede de Martinus Samu...

1934